

A construção da rede literária americanófila de d. Pedro II a partir de seus documentos de processo

Adriano Mafra¹

Resumo

Este artigo objetiva analisar um conjunto de documentos autógrafos produzidos pelo segundo e último imperador do Brasil, D. Pedro II (1825–1891), que denota o interesse e a íntima relação do estadista brasileiro com a intelectualidade e cultura norte-americana a partir da década de 1850. O dossiê genético, composto por cartas, extratos de diários e manuscritos autógrafos, permite vislumbrar uma cadeia de influências recebidas e transmitidas entre a corte brasileira e a república norte-americana, fruto das interações sociais estabelecidas por D. Pedro II com a elite cultural estrangeira. A produção literária do monarca, materializada em exercícios de tradução, constitui um ponto relevante nessa dinâmica das relações e primeiras trocas intelectuais de D. Pedro II, pois possibilitou o acesso a autores de grande prestígio e circulação no meio literário americano, nesse caso, os poetas Henry Wadsworth Longfellow e John Greenleaf Whittier. Sob a ótica de uma leitura genética, essas traduções dão indícios do *continuum* criativo e dos instantes discursivos do *vir a ser* texto, sendo também instrumentos primeiros de compartilhamento de gostos estéticos, de padrões de referência e da própria noção de tradução do imperador entre os membros da corte.

Palavras-chave: D. Pedro II. Americanofilia. Tradução. Dossiê genético.

Abstract

This article aims to analyze a set of autograph documents produced by the second and last emperor of Brazil, D. Pedro II (1825–1891), which denotes the interest and intimate relationship of the Brazilian monarch with North American intellectuality and culture from the 1850s. The genetic dossier, consisting of letters, excerpts from his diaries and autograph manuscripts, allows us to glimpse the influences received and transmitted between the Brazilian empire and the North American republic, as a result of the social interactions established by D. Pedro II with the foreign cultural elite. The monarch's literary production, materialized in translation exercises, constitutes a relevant aspect in this dynamic of relationships and first intellectual exchanges of D. Pedro II, since it allowed the emperor access to prestigious authors in the American literary milieu, especially the poets Henry Wadsworth Longfellow and John Greenleaf Whittier. From the perspective of genetic criticism, these works show the creative continuum and the discursive moments of the avant-text. They can also be considered as primary instruments for sharing aesthetic tastes, reference standards and the emperor's own notion of translation among the members of the Brazilian court.

Keywords: D. Pedro II. Americanophilia. Translation. Genetic dossier.

Revista de
Crítica Genética
ISSN 2596-2477

N. 48• 2022

Submetido:
08/08/2022

Aceito:
10/02/2023

1 Professor do Instituto Federal Catarinense (IFC/Ibirama). Doutor em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina, doutor em Translation Science pela Universiteit Antwerpen e mestre em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: adriano.mafra@ifc.edu.br.

Introdução

De acordo com Cordingley e Montini, as duas últimas décadas têm testemunhado o surgimento de um novo campo de pesquisa, a que os autores denominam “genética dos estudos da tradução”². A área em questão tem se desenvolvido a partir de investigações circunscritas no âmbito dos estudos da tradução literária, com a aplicação do arcabouço metodológico da crítica genética. Os estudos desenvolvidos nessa perspectiva, ainda de acordo com os pesquisadores, não consideram a tradução como menos prestigiosa ou menos complexa do que o texto de partida. Trata-se de um intrincado processo de escrita que se desenvolve a partir de estratégias variadas e que revela, em partes, a evolução diacrônica, a particular temporalidade do texto/tradução e os diferentes momentos da tradução em *devir*. Evidencia-se, pois, o processo em vez do produto. A genética da tradução, como área híbrida entre os estudos descritivos da tradução e a crítica genética, busca responder *como* um texto é traduzido, além de buscar transparência na desconstrução da ideia de autoridade na escrita autoral ou tradutória³.

Sergio Romanelli assinala que, para se conseguir reconstituir o processo criativo do tradutor, os dossiês a serem estudados devem ser constituídos não apenas pelos manuscritos tradutórios em si, mas também “pelos livros que leu e anotou nas margens, registrando as datas das sucessivas leituras; ou pelo catálogo da sua biblioteca pessoal e qualquer outro tipo de vestígio que tenha deixado: cartas, diários, arquivos digitais, entrevistas, anotações, desenhos etc.”⁴. No caso do tradutor Pedro d’Alcântara, os seus registros materiais em fonte primária são numerosos e parte desse acervo tem recebido, nos últimos anos, o tratamento analítico de pesquisadores interessados em sua atividade tradutória⁵. A intensa troca cultural entre o representante máximo da corte brasileira e os intelectuais da época, materializada em um conjunto expressivo de missivas, também constitui um rico acervo de partilha de experiências literárias e estéticas, o que torna possível avaliar o contexto de criação e de circulação de muitas de suas traduções. Além disso, os diários pessoais do monarca, enquanto documentos de época, não só evidenciam a relação cultural estabelecida por seu autor com a intelectualidade do período, mas indicam obras de interesse, contatos com escritores e artistas das mais diversas áreas, além de ajudar a situar cronologicamente as traduções realizadas pelo imperador. Essa tríade de documentos arquivísticos, notadamente os que ilustram a interação entre a corte brasileira e a república estadunidense, constitui o dossiê desta investigação, que objetiva abordar os manuscritos tradutórios do im-

2 CORDINGLEY, A.; MONTINI, C. Genetic translation studies: An emerging discipline. **Linguistica Antverpiensia**, New Series — Themes in Translation Studies, 14, pp. 1–18, 2016.

3 NUNES, A.; MOURA, J.; PINTO, M. P. **Genetic Translation Studies**: Conflict and Collaboration in Liminal Spaces. London: Bloomsbury Academic, 2021.

4 ROMANELLI, S. Manuscrito e tradução: espaços de criação. **Itinerários**, Araraquara, n. 38, pp.105–123, jan./jun. 2014, p. 108.

5 Nota de autoria.

perador como espaços privilegiados de criação literária; e como instrumentos autênticos de interação, de incentivo a circulação de textos e de decorrente exercício de crítica de tradução.

As traduções investigadas neste artigo são “O Canto do Siciliano: El-Rei Roberto de Sicília” e “O Choro d’uma Alma Perdida”, cujos originais foram escritos por Henry Wadsworth Longfellow e John Greenleaf Whittier, respectivamente. A análise dos manuscritos tradutórios de D. Pedro II visa entender o processo de criação do tradutor, que inventa seu próprio discurso enquanto se debruça sobre a atividade de traduzir. É de grande relevância frisar que a tarefa de traduzir não inclui somente o texto de partida e o de chegada, “mas sim toda uma rede complexa de interrelações entre seus textos e os outros textos do polissistema em que se encontram”⁶. Assim, pode-se afirmar que o dossiê genético investigado nesta proposta é resultante da vida literária do último imperador do Brasil, fruto de suas incursões tanto pelo sistema literário brasileiro, quanto pelo sistema literário norte-americano. Os documentos representam a concretização da *americanofilia*⁷ do monarca, isto é, a sua predileção ou afeição pela cultura, língua e literatura desenvolvida nos Estados Unidos. As peças configuram-se também como importantes veículos de trocas culturais internacionais entre a corte brasileira — um polissistema periférico — e o centro cultural e intelectual americano do século XIX — detentor de repertório cultural e literário mais prestigiado. A constituição de uma identidade nacional brasileira (e política, por consequência) desenvolveu-se a partir da incansável e quase obsessiva política cultural do monarca, cujas estruturas basilares estavam na escrita, na tradução e na educação do império tropical.

O epistolário entre a corte brasileira e a intelectualidade da Nova Inglaterra

A década de 1870 marcaria o início das viagens internacionais do imperador. De acordo com Cribelli⁸, a visita de D. Pedro II aos Estados Unidos, em 1876, mobilizou grande parte da imprensa norte-americana. A peregrinação midiática cobria, com certa curiosidade, todos os passos da única cabeça coroada do continente durante três meses. Ironicamente, à época se comemorava o centenário da Revolução Americana, confronto armado que culminou na independência do país e na descontinuidade do regime monárquico inglês. A popularidade de D. Pedro nos

6 ROMANELLI, S. *A gênese de um processo tradutório*. Florianópolis: Horizonte, 2013, p. 49.

7 De acordo com Amador, o termo anglofilia, embora bastante abrangente, não inclui os Estados Unidos, apesar de a origem cultural desse país ser majoritariamente anglo-saxã. Pelo impacto cultural que os Estados Unidos exercem sobre o resto do mundo, o termo americanofilia seria mais específico para se referir ao interesse, entusiasmo ou admiração pelas pessoas, cultura e instituições norte-americanas. Ainda que a palavra América designe todo o continente que se estende desde o Ártico até Terra do Fogo, “América” e “Estados Unidos” são utilizados, muitas vezes, como sinônimos: “um americanófilo, por tanto, no admiraría ni a los bolivianos ni a los nicaragüenses; sus simpatías estarían con los Estados Unidos de América” (AMADOR, L. A. L. *Germanofilia: origen, Estado de la Cuestión y Perspectivas*. San Juan: Editorial Geópolis, 2012, p. 26).

8 CRIBELLI, T. A Modern Monarch: Dom Pedro II’s visit to the United States in 1876. *The Journal of the Historical Society* IX: 2. June, 2009.

Estados Unidos dava um novo destaque ao antigo regime, a despeito das comemorações republicanas.

As viagens do monarca refletiam uma urgência íntima de descoberta de si, de se desterritorizar e ultrapassar fronteiras, conforme sugere Mary del Priore⁹. O imperador tinha o anseio de conhecer americanos ilustres. De fato, a posição de prestígio ocupada pelo imperador garantiu o acesso, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, a territórios privilegiados reservados às elites culturais do século XIX. A habilidade linguística e a curiosidade intelectual que lhe eram tão características favoreceram a mobilidade e a adaptabilidade para circular com certa desenvoltura nos Estados Unidos entre grandes cientistas, artistas consagrados e políticos daquele país.

Para Brune¹⁰, antes mesmo de cruzar fisicamente a jovem república americana, o imperador já viajava metaforicamente há algumas décadas pela nação, conhecendo seu povo e sua geografia pela leitura de versos de Longfellow. Com efeito, no início da década de 1840, ele já havia desenvolvido “um extraordinário acervo de informações sobre o mundo fora do Brasil”¹¹. Pode-se dizer que a prática da tradução desempenhou grande importância nessas trajetórias figuradas do monarca através dos hemisférios sugeridas por Brune e ratificadas, em grande medida, pela informação trazida por Barman, já que os vínculos mais significativos com os escritores que lia e admirava na banda norte do continente foram inaugurados com o envio de suas traduções aos autores dos originais. O recebimento dessas produções dava abertura para uma profusa troca de ideias, para o compartilhamento de experiências, de imagens e de textos a partir do diálogo epistolar que se iniciava a partir de então. As viagens (figuradas inicialmente e físicas anos mais tarde), os textos e as ideias em trânsito criam “deslocamentos e encontros inesperados que exigem tradução linguística, literária e cultural”¹² por parte dos interlocutores. Nessas viagens, D. Pedro explorou culturas e geografias diversas das do seu país de origem: “de sua posição privilegiada, o imperador navegou por domínios políticos e culturais desconhecidos com relativa facilidade devido a sua aptidão como um tradutor linguístico e cultural”¹³.

James Cooley Fletcher, segundo José Murilo de Carvalho¹⁴, teria sido o grande responsável pela crescente admiração do imperador pelos Estados Unidos. O reve-

9 PRIORE, M. del. **O príncipe maldito**: traição e loucura na família imperial. São Paulo: Objetiva, 2006.

10 BRUNE, K. **Creative Transformations**: Travels and Translations of Brazil in the Americas. Albany: State University of New York Press, 2020.

11 BARMAN, R. J. **O imperador cidadão e a construção do Brasil**. Tradução de Sonia Midori Yamamoto. São Paulo: UNESP, 2010, p. 176.

12 BRUNE, op. cit., p. 16.

13 “From his privileged position, the emperor navigated unfamiliar political and cultural realms with relative ease given his aptitude as a linguistic and cultural translator” (Ibidem, p. 2). As traduções neste artigo são de minha autoria.

14 CARVALHO, J. M. D. **Pedro II**: ser ou não ser. Coordenação: Elio Gaspari e Lília M. Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

rendo americano foi o agente de ligação entre D. Pedro e um seleto grupo de intelectuais: os poetas Henry Wadsworth Longfellow e John Greenleaf Whittier, além do naturalista Louis Agassiz, suíço de nascimento e naturalizado norte-americano. D. Pedro II teve a oportunidade de conhecer também Oliver Wendell Holmes, professor de anatomia em Harvard e notável escritor americano; e James Russell Lowell, poeta, crítico, diplomata e ensaísta ligado ao Romantismo norte-americano. Ambos completavam, segundo Calmon¹⁵, juntamente com Longfellow e Whittier, o “quadrunvirato do *parnaso* americano”. Barman¹⁶ acrescenta a lista dos maiores poetas americanos lidos por D. Pedro II, citando Joaquin Miller e William Cullen Bryant, os quais o monarca estava ansioso por conhecer. Em 1864, D. Pedro II traduzia textos de John Greenleaf Whittier e de Henry Wadsworth Longfellow. Essas traduções chegariam até os autores da obra original através da mediação de James Fletcher, o guia principal das primeiras incursões simbólicas do monarca por territórios e pelo polissistema literário norte-americano.

Para Roderick Barman¹⁷, “escrever cartas era para D. Pedro II a forma ideal de relacionamento com outros seres humanos, um meio pelo qual ele podia estabelecer a natureza e o grau de intimidade desejada”. O monarca correspondeu-se com muitos escritores e intelectuais da época, intercâmbios esses que eram mutuamente vantajosos: “os homens de letras conquistavam posição social por meio da correspondência com um imperador, enquanto a credibilidade de D. Pedro II como um sábio era intensificada”¹⁸. A correspondência, de acordo com Marcos Antonio de Moraes¹⁹, pressupõe circulação, intercâmbios e negociações. No vai e vem da conversa por escrito, “podem transitar versões primeiras de prosa, poesia e dramaturgia, esboços de projetos artísticos”. Nas trocas epistolares entre o imperador e Fletcher, por exemplo, podemos rastrear a circulação de ideias, a leitura prévia de autores, o trânsito de obras inéditas e publicadas e a comunhão de certos ideários estéticos. Em julho de 1864, o missionário americano escrevia²⁰ ao imperador, dando notícias de que o naturalista Mr. Bourget estava na Fazenda Imperial de Santa Cruz atendendo aos pedidos do monarca para preparar o empalhamento de pássaros da espécie *Piaya cayana*. A ave, conhecida popularmente pelos nomes *alma-perdida* ou *alma-de-caboclo*, tem ampla distribuição no Brasil e na América latina. É retratada no poema *The Cry of a Lost Soul*, cujo enredo baseia-se na lenda indígena acerca do canto melancólico desse pássaro, que pode ser ouvido à noite nas margens do Amazonas.

15 CALMON, P. **História de D. Pedro II. Tomo terceiro: No País e no Estrangeiro: 1870-1887**. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1975, p. 1087.

16 BARMAN, op. cit.

17 Ibidem, p. 164.

18 Ibidem, p. 179.

19 MORAES, M. A. A poesia de Mário de Andrade em circulação epistolar: fluxos e vias interdidas. **Manuscrita**, n. 35, pp. 19–29, 2018, p. 19.

20 As referências nesta seção ao conjunto epistolar provêm do trabalho de compilação de JAMES, D. O imperador do Brasil e os seus amigos da Nova Inglaterra. Tradução de Mário José da Silva Cruz e Lourenço Luiz Lacombe. Petrópolis: Museu Imperial/ Ministério da Educação e Saúde, 1952.

John Greenleaf Whittier receberia de presente do imperador os exemplares das aves e a tradução de seu poema.

No mês seguinte, o reverendo enviava ao monarca uma cópia manuscrita do poema *Kalif of Baldacca*, poema de Longfellow à moda oriental, estilo bastante popular entre os escritores nos oitocentos e do qual o imperador também era entusiasta. Dizia Fletcher estar duplamente honrado por ter ouvido a tradução imperial de *The Sicilian Tale: King Robert of Sicily* e por ser o responsável por remetê-la ao poeta Longfellow. Ainda em agosto, o missionário encaminhava a D. Pedro uma cópia de outra obra de Longfellow e comentava ter lido a tradução de *The Cry of a Lost Soul* realizada pelo deputado Pedro Luiz, publicada no *Diário do Rio de Janeiro* sob o título “O grito de uma alma perdida”. Em setembro daquele ano, Fletcher desculpava-se por ter sido negligente em não ter reconhecido em tempo a “excelente tradução” da obra de Whittier feita pelo monarca, a qual manifestava preferência frente à tradução do texto de Longfellow: “se Vossa Majestade me permite julgar, diria que prefiro ela a ‘Roberto Rei da Sicília’”²¹. Desculpava-se também por não ter conseguido uma cópia da tradução de Pedro Luiz antes da publicação, conforme havia prometido ao imperador. Como forma de reparação pelo mal-entendido durante a conversa com Pedro Luiz, que não compreendeu o desejo de Fletcher em oferecer a cópia de sua tradução ao monarca, ambos concordaram em enviar a tradução em curso de *Song of Hiawatha*, cujo original é de autoria de Longfellow. Fletcher acreditava que Whittier, a quem também remetera a tradução imperial, valorizaria o trabalho “como um dos maiores testemunhos de sua Musa”²².

Segundo Moraes, “a partilha de obras em diversos estágios de elaboração e a difusão de percepções estéticas ensejam julgamentos do interlocutor, visto muitas vezes como um *alter ego*”²³. De fato, as produções do monarca motivariam a manifestação dos autores dos textos traduzidos e a crítica das traduções. Em novembro de 1864, Longfellow notificava o imperador por ter recebido “a linda versão de ‘King Robert of Sicily’”²⁴ e agradecia por aquela prova de apreço do monarca. Julgava o trabalho muito fiel e bem-sucedido, afirmando que a antiga lenda do rei deposto soava muito musical nos agradáveis sotaques do português²⁵. Do mesmo modo, Whittier declarava ter recebido, em março de 1865, a tradução imperial do poema *The Cry of a Lost Soul*. Lamentava o poeta, no entanto, não poder ler o

21 “If I am permitted by Your Majesty to judge, I would say that I even prefer it to ‘Robert King of Sicily’” (JAMES, op. cit., p. 55).

22 “Mr. Whittier will, I have no doubt, treasure it as one of the highest testimonials to his Muse” (Ibidem).

23 MORAES, op. cit., p. 19.

24 JAMES, op. cit., p. 60.

25 “I have had the honor of receiving your Majesty’s beautiful version of ‘King Robert of Sicily’ [...]. The translation is very faithful and very successful. The double rhymes give a new grace to the narrative, and the old Legend sounds very musical in the soft accents of the Portuguese” (Ibidem, p. 60-1).

texto em português, mas um amigo bem qualificado, segundo ele, julgava a tradução “muito perfeita e feliz dos versos originais”²⁶.

No fluxo epistolar e de diálogos transamericanos partindo da corte, as traduções do monarca assumiriam a função de “um vetor de abertura e de divulgação [...] de uma escritura, de um estilo, de uma cultura, de uma sociedade e de uma singularidade”²⁷. A circulação desses manuscritos simboliza, portanto, uma primeira tentativa de mediação que perpassaria línguas e ultrapassaria fronteiras nacionais e culturais. Enquanto protagonista na relação entre o monarca e os intelectuais que acabava de alcançar via tradução, James Fletcher continuaria mantendo o imperador atualizado acerca das obras literárias americanas e enviando exemplares das produções de Whittier e Longfellow, mesmo depois de ambos passarem a se corresponder diretamente com o monarca.

Mais do que deixar entrever apenas as curiosidades da vida íntima dos correspondentes, o vasto conjunto de cartas²⁸ trocadas entre o imperador e seus coetâneos norte-americanos também apresenta dados que podem evidenciar os meandros da composição artística e da gênese de algumas produções, como é possível constatar no excerto de uma carta de Fletcher entregue ao imperador, datada de janeiro de 1866:

*Algumas semanas atrás, passei parte de uma tarde com o Sr. Whittier [...]. Ele agora está envolvido em um poema mais longo do que o usual — cerca de 1200 versos, intitulado ‘Snowbound’ — que é uma descrição de cenas de sua própria infância e da fase adulta durante o inverno rigoroso na Nova Inglaterra [...]. Será, sem dúvidas, um idílio digno do homem*²⁹.

Longfellow também dá indícios da transformação do texto traduzido a partir da intervenção de pessoas próximas em sua produção literária. Mais especificamente, o poeta americano assinala a participação de outros agentes na sua tradução da *Divina Comédia*, o que configuraria uma espécie de gênese colaborativa. Em carta destinada a Agassiz, o poeta comenta da atuação do *Saturday Club*, confraria literária que se reunia no último sábado de cada mês em Boston: “o Clube vai, mas não tão bem como quando você está aqui. A título de consolo, estabeleci um meu, que se reúne aqui todas as quartas-feiras à noite para discutir e

26 “I am unable, I regret to say, to read it myself, but a literary friend well qualified to judge of it pronounces it a very perfect and felicitous rendering of the original verses” (Ibidem, p. 64–5).

27 PASSOS, M.-H. P. **Da crítica genética a tradução literária: uma interdisciplinaridade**. Vinhedo: Horizonte, 2011, p. 14.

28 São 130 cartas no total, de acordo com James (Op. cit.).

29 “A few weeks ago I spent a part of an afternoon with Mr. Whittier [...]. He is now engaged on a longer poem than usual — about 1200 lines, entitled “Snowbound” — which is a description of scenes in his own boyhood and manhood during the stern winter of New England [...]. It will be, without doubt, an Idyl worthy of the man” (JAMES, op. cit., p. 96–7).

criticar minha tradução da Divina Comédia [...]”³⁰. O grupo organizado por Longfellow, relatária Agassiz a D. Pedro em março de 1867, se encontrava para ler, discutir, criticar e corrigir parte da tradução antes do jantar na casa do escritor. A dinâmica de trabalho relatada por Agassiz parece ter exposto Longfellow ao que Willemart entende como o homem dividido em autor-*scriptor* e autor-leitor, que a cada nova leitura, reformula o seu texto. A interferência de terceiros, possivelmente, provocaria a rasura. Com isso, o autor/tradutor “destrói um sentido dado, o perturba ou o suspende e obriga o *scriptor* a criar um novo sentido ou um novo imaginário, segundo um tempo lógico não redutível a uma simples substituição”³¹. A tradução da *Divina Comédia* foi publicada naquele mesmo ano em três tomos. O monarca receberia a tradução da obra de Dante e tentava apoio, junto ao naturalista Agassiz, para convencer Longfellow a traduzir *Os Lusíadas*:

*Eu continuo a leitura da tradução de Longfellow da qual já recebi os três volumes, tendo escrito imediatamente a você algumas palavras sobre o Inferno. Não poderíamos homenagear melhor l'altíssimo poeta. Se eu tivesse tempo para conversar com o autor de Evangeline, eu o contrataria para traduzir o poema de Camões, o épico português. Que orgulho seria para todos os que falam a língua portuguesa!*³²

O que chama a atenção na relação entre D. Pedro II e Longfellow, segundo Iván Jaksic³³, é o diálogo poético estabelecido entre eles. O monarca teria lembrado Longfellow, quando de sua passagem pelos Estados Unidos, a figura de um moderno *Haroun Al Raschid*, califa abássida que o escritor mencionaria posteriormente em versos de *Kéramos* (1878). De fato, a impressão de Longfellow sobre o imperador foi a de um homem humilde, descrente em relação ao poder real atribuído aos reis. Ainda segundo Jaksic, o monarca acompanhava de perto a carreira do poeta, tendo traduzido o poema *King Robert of Sicily* “com impressionante fidelidade, não apenas em termos de tom e de intenção, mas também em número quase igual de versos, um feito notável em traduções do inglês para as línguas românicas”³⁴.

30 “The Club goes on; but not so well as when you are here. By way of consolation I have established one of my own, which meets here every Wednesday evening to discuss and criticize my translation of the Divina Commedia [...]” (Ibidem, p. 108).

31 WILLEMART, P. **Universo da criação literária**. São Paulo: Edusp, 1993, p. 71-2.

32 “Je continue la lecture de la traduction de Longfellow dont j'ai déjà reçu les trois volumes, vous ayant écrit tout de suite quelques mots sur l'Inferno. On ne pourrait pas mieux honorer l'altissimo poeta. Si j'avais le loisir de causer avec l'auteur d'Evangeline, je l'engagerais à traduire le poème de Camoens, l'épique portugais. Quel fier honneur ce serait pour tous ceux qui parlent la langue portugaise!” (JAMES, op. cit., p. 173).

33 JAKSIC, I. *The Hispanic World and American Intellectual Life, 1820–1880*. New York: Palgrave Macmillan, 2007.

34 “Dom Pedro had rendered Longfellow's poem with impressive fidelity, not only in terms of its tone and intent, but also in terms of the almost equal number of lines, a remarkable accomplishment in translations from English to the Romance languages” (JAKSIC, Op. cit., p. 101).

Nessa rede de sociabilidade letrada que se desenvolvia no âmbito privado das trocas epistolares, o imperador também registrava suas ideias e opiniões, atuando como crítico ao tecer comentários acerca de determinada produção. Em dezembro de 1867, o monarca assinalava trechos que julgava necessitar de revisões na última parte da tradução para o francês do livro *Journey in Brazil*, de Agassiz e esposa, Elizabeth Cabot Cary Agassiz. Escrevia ele: “vou falar com toda franqueza que colocamos em nossas conversas, cuja memória me é tão cara. Creio que muitos leitores não considerem o livro pouco interessante; mas será para o elogio da sinceridade com que foi escrito”³⁵. Dentre as notas indicadas na correspondência, D. Pedro sugere na página 503: “Você esqueceu a influência dos árabes nos costumes dos portugueses, dos quais descendem os brasileiros”³⁶. O comentário indica o reconhecimento, por parte do monarca, do orientalismo ontológico impregnado em si, herança ibérica que foi um elemento constitutivo de seu império no Atlântico Sul, conforme destacado em outros trabalhos³⁷.

A relação dialógica que se estabeleceu na troca de correspondências sugere pensar, de certo modo, que os missivistas buscavam interlocutores para divulgar as publicações recentes — suas ou de colegas do círculo — ou para comunicar leituras e projetos em processo de composição. Essa articulação epistolar evidencia grande mobilização por parte do seletivo círculo de relacionamento em partilhar manuscritos, comunicar trabalhos e fazer circular ideias. São os documentos importantes testemunhos materiais das primeiras trocas culturais entre o Império do Brasil e a república norte-americana.

As traduções imperiais de escritores americanos

Em 1864, D. Pedro efetuava sua tradução de obras de Longfellow e Whittier, conforme já pontuado. Da obra de Longfellow, além do manuscrito enviado ao próprio autor, restam três cópias da mesma produção: uma arquivada no Museu Imperial de Petrópolis (MIMP), que foi fixada como texto acabado para a publicação em 1889; e outras duas mantidas no arquivo histórico do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), na cidade do Rio de Janeiro. Em 1887, D. Pedro revisitaria o poema de Longfellow e proporia nova tradução da obra. O seu novo “O Canto do Siciliano: El Rei Roberto da Sicília”, assim como a versão de 1864, consta no acervo de Maria Amanda Lustosa Paranaguá Dória (1849-1931), a Baronesa de Lo-

35 “Je vais vous en parler avec toute la franchise que nous mettions à nos, dont le souvenir m’est si cher. Je crains que beaucoup de lecteurs ne trouvent le livre peu intéressant; mais ce sera à la louange de la sincérité avec laquelle il a été écrit. [...]” (JAMES, Op. cit., p. 178).

36 “Vous avez oublié l’influence des Arabes sur le moeurs des Portugais, d’où descendent les Brésiliens” (Ibidem, p. 179).

37 MAFRA, A.; STALLAERT, C. Orientalismo Crioulo: Dom Pedro II e o Brasil do Segundo Império / Creole Orientalism. D. Pedro II and Brazil in the Second Empire. *Iberoamericana*, Año 16, No. 63 (Noviembre de 2016), pp. 149–168; MAFRA, A. **O processo criativo de D. Pedro II na tradução do Hitopadeça**. 2015. 447 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina; Universiteit Antwerpen, Florianópolis; Antwerpen, 2015.

reto, no IHGB. Provavelmente, D. Pedro II presenteou Maria Amanda, amiga íntima da família imperial, com suas produções. A descrição completa e a análise preliminar dessas traduções podem ser conferidas em Mafra³⁸.

Da tradução do poema *The Cry of a Lost Soul*, há três conjuntos manuscritos. O primeiro deles encontra-se arquivado no MIMP, o qual foi utilizado como texto-base para a mesma publicação de 1889. São três páginas manuscritas em papel comum, sem pautas. É uma cópia passada a limpo, com caligrafia bem desenhada em caneta-tinteiro e com pequenas intervenções feitas a lápis. No topo da página, centralizado, o monarca escreveu a lápis, erroneamente, o sobrenome do autor do texto original. O evidente erro de grafia na indicação do sobrenome do autor (Withier) vai se repetir nas publicações do poema em 1889 e em 1932. Na parte inferior, também a lápis, há a seguinte indicação: “Poesia do I. Trad. do inglês”. O segundo conjunto é o da cópia enviada ao poeta John Greenleaf Whittier, e está arquivado atualmente na *Beinecke Library*, na Universidade de Yale (EUA)³⁹. O texto foi redigido em duas páginas em papel comum, igualmente sem linhas. Diferentemente do primeiro conjunto de manuscritos, neste encontramos a dedicatória ao autor no topo da primeira página: “To Mr. John Greenleaf Whittier”. Outra diferença marcante está na letra do monarca, que apresenta características que indicam uma escritura feita às pressas, em jato, com traços mais espessos e sem muito cuidado com a legibilidade do texto. A tradução se encerra com o local e a data do texto [“Rio de Janeiro agosto de 1864”] e com a assinatura do tradutor [“D. Pedro 2º”]. Por fim, o terceiro conjunto de manuscritos faz parte da coleção da atriz italiana Adelaide Ristori, depositado no *Museo dell’Attore*, em Gênova (Itália)⁴⁰. Logo após o título, há a informação de que o texto é tradução de Whittier. Ao final do trabalho, D. Pedro insere o local e a data [“Rio de Janeiro agosto de 1864”], mas não assina a tradução, como o fez nos manuscritos enviados a Whittier. Além da tradução, o imperador enviou à Ristori a transcrição do texto original em inglês.

The Cry of a Lost Soul foi publicado pela primeira vez no jornal *The Independent*, em 25 de dezembro de 1862. Anos depois, comporia a terceira parte da coletânea intitulada *In War Time and Others Poems*, publicada em 1864. Whittier teria buscado inspiração para o poema nos registros de viagem do tenente da Marinha americana William Lewis Herndon (1813-1857), compilados em *Exploration of the Valley of the Amazon* (1853). De acordo com Herndon⁴¹, a lenda em torno do canto da ave “alma-perdida” tem suas origens na história de um indígena e de sua parceira, que haviam saído para trabalhar e levaram consigo o bebê do casal. Em algum momento, a mulher teria saído para buscar água na nascente mais próxima,

38 Ver MAFRA, A. Do rascunho à edição: análise preliminar das versões de “The Sicilian Tale: King Robert of Sicily” por D. Pedro II. **Manuscrita**: Revista De Crítica Genética, (40), 2020, pp. 96–111.

39 Meus agradecimentos ao Paul Civitelli, do setor de Livros Raros e Manuscritos da instituição, por fornecer o material para a pesquisa.

40 Agradeço ao pesquisador Romeu Porto Daros, que em missão de pesquisa no acervo de Ristori, teve acesso aos documentos e os disponibilizou para este estudo.

41 HERNDON, W. L. **Exploration of the Valley of the Amazon**: part I. Washington: Robert Armstrong Public Printer, 1853, p. 156.

enquanto o marido cuidava da criança. Chegando à nascente, a indígena percebeu que a fonte estava seca, indo então mais longe para coletar água. O homem, preocupado com a demora da parceira, deixou a criança sozinha e foi a sua procura. Quando ambos retornaram, o bebê havia desaparecido. Desesperados, os indígenas saem pela floresta aos gritos, tentando encontrar a criança, mas só obtêm como resposta o canto melancólico do pássaro. A aflição fazia com que o casal reconhecesse, naquele som da ave, o balúcio da criança perdida, daí a origem do nome da ave: “suponho que os espanhóis ouviram essa história e, com aquele pensamento poético religioso que parece peculiar a esse povo, chamaram o pássaro de ‘A alma perdida’⁴².

O poema de Whittier recupera a lenda indígena em seu enredo, contando a história de um viajante e de um barqueiro que, ao fim do dia, embrenham-se na floresta escura pelas águas do Amazonas. Enquanto a barca navega pelas águas do rio, ambos ouvem um grito vindo da mata, o que deixa o viajante assustado. O barqueiro, fazendo o sinal da cruz, murmura que se trata do canto do pássaro conhecido como alma-perdida. O viajante, por sua vez, contesta a informação, declarando conhecer a ave e o som que ela produz. Para ele, o barulho é o grito de um espírito angustiado que clama por piedade e por oração. O condutor da barca afirma que não há reza para aqueles que pecaram, restando como castigo ao espírito errante ser calado pelos santos. Horrorizado com a fala cruel do “pagão batizado”, o homem, tomado por um sentimento de bondade, lança aos céus tropicais suas súplicas para que a providência divina, em sua infinita misericórdia, acolha aquela alma e transforme o seu grito de tormento em cântico de louvor:

*'Wilt thou not make, Eternal Source and Goal!
In Thy long years, life's broken circle whole,
And change to praise the cry of a lost soul?'⁴³*

Análise genética dos manuscritos tradutórios de D. Pedro II

Nesta seção, proponho uma análise genética preliminar dos manuscritos autógrafos do monarca. Os rascunhos que constituem as primeiras campanhas de escritura que resultaram nas cópias das duas traduções de D. Pedro II aqui analisadas não foram localizados. Mesmo D. Pedro II tendo conhecimento da língua inglesa desde muito jovem, a sua admiração pelos poetas traduzidos e a busca pelo aprimoramento de sua prática tradutória — além da espiralidade inerente ao processo criativo e as dificuldades de tradução de textos poéticos —, certamente determinariam hesitações, rasuras e cancelamentos, processos de retextualização e revisões, o que nos sugere a existência de documentos anteriores (perdidos ou até mesmo destruídos). As versões dos trabalhos analisados são cópias passadas a limpo, mas que ainda conservam rastros de memória do processo textual.

42 “I suppose the Spaniards heard this story, and, with that religious poetic turn of thought which seems peculiar to this people, called the bird ‘The lost soul’” (Ibidem).

43 WHITTIER, J. G. *In War Time and Other Poems*. Boston: Ticknor and Fields, 1864, p. 186.

Iniciando as análises pela tradução da obra de Whittier, temos na tradução arquivada no MIMP (doravante T1) a versão que precede o texto final (publicado), uma cópia preparada com cuidado no que concerne à estética, ornamentação da letra e distribuição dos versos no espaço do papel. O texto foi redigido com uma letra cursiva inclinada feita em caneta-tinteiro, aos moldes do estilo de escrita inglesa⁴⁴, com traçado fino e decorativo, apesar de simplificado, conforme excerto:

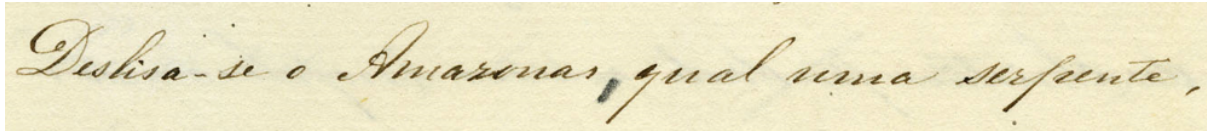


Figura 1: Caligrafia aos moldes da letra inglesa. Manuscrito de tradução da poesia de Whittier.

Os versos respeitam o eixo da linha e são distribuídos na folha de maneira uniforme, ainda que o papel originalmente não apresentasse pautas. Paradoxalmente, apesar de ser a cópia com mais zelo durante a sua transcrição, é a que dispõe de mais marcas de revisão, todas feitas a próprio punho pelo monarca, em notas a lápis. Os equívocos corrigidos a posteriori podem ser explicados pela atenção dispensada durante o processo de transcrição dos versos para o papel, já que a cópia final demandaria mais cautela com a letra, com a inclinação e uniformidade dos caracteres, com a pressão aplicada durante a escrita e com a distribuição gráfica da escrita no papel em detrimento do conteúdo da tradução em si. Uma outra hipótese mais plausível, no entanto, é que a transcrição tenha sido feita por um copista, que por falta de atenção ou por não ter decifrado — traduzido — os rascunhos do monarca, tenha cometido os deslizes, por isso a necessidade de revisão do material. Normalmente, o próprio imperador fazia suas cópias “em tinta”, mas também era comum que ele delegasse outrem para fazer a reprodução de seus escritos, conforme registros do seu diário:

7 de janeiro de 1888 (sábado)

10h ½ Acabo de copiar a minha tradução [...].⁴⁵

Cannes 1 de abril de 1888

[Isabel] vai copiar as minhas traduções de Dante que é para eu dá-las a Mr. Foucher de Careil.⁴⁶

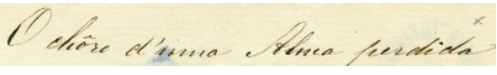
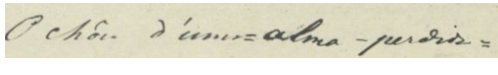
Talvez o imperador quisesse que essa transcrição fosse encaminhada ao autor do original. Foi a tradução o ato inaugural do contato entre ele e o escritor, portanto, o cuidado com a apresentação do material seria justificável. Pode ter declinado ao

44 O modelo de caligrafia inglesa, de acordo com Amadeu Sperândio, remonta ao período anterior ao século VII e passou por diversas transformações ao longo do tempo. A partir do século XVIII, a caligrafia inglesa assumiu um formato elítico, com discreta inclinação de todas as letras para a direita. “Em pouco tempo a fôrma elítica inicialmente um tanto rústica, assumiu fôrmas sombriadas, tornando-se assim, modernamente, de grande importância a sua aplicação em qualquer estabelecimento comercial, de ensino ou artístico.” (SPERÂNDIO, A. **Caligrafia**: curso completo. 14ª ed. São Paulo: Livraria Teixeira, 1948, p. 20).

45 ALCÂNTARA, P. de. **Diário do Imperador D. Pedro II**. Organização: Begonha Bediaga. Petrópolis: Museu Imperial, 1999, p. 555.

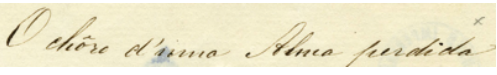
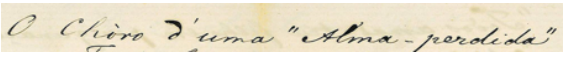
46 Ibidem, p. 602.

constatar as imprecisões em uma campanha de releitura e de revisão, optando por remeter ao poeta uma outra cópia que, apesar de conter uma caligrafia menos rebuscada, não apresentava enganos que poderiam comprometer o texto. Abaixo pode ser conferida a diferença de letra nos títulos de T1 e da cópia enviada ao poeta John Greenleaf Whittier (doravante T2). Nota-se também o uso de aspas angulares destacando a expressão *Alma perdida*, a utilização de inicial minúscula e de hífen em T2, ausentes no primeiro excerto. O emprego de hífen caracteriza a formação por justaposição do substantivo composto que denomina a ave, tornando mais direta a referência ao pássaro conhecido como *alma-perdida*:

| T1 | T2 |
|---|--|
|  |  |
| O choro d'uma Alma perdida ^x | O choro d'uma « alma - perdida» |

Quadro 1: Títulos da tradução nos manuscritos do MIMP e de John Greenleaf Whittier.

A circulação de manuscritos fez com que a tradução do monarca chegasse até Adelaide Ristori, com quem se correspondia frequentemente. A cópia remetida à atriz italiana (doravante T3) apresenta também uma caligrafia mais legível e esteticamente mais agradável que, apesar de bem menos rigorosa quando comparada a T1, é mais próxima do traçado da letra espontânea do monarca. O uso de aspas duplas — desta vez, curvas — e de hífen é retomado neste manuscrito, além da substituição do acento circunflexo pelo acento grave no substantivo *choro*:

| T1 | T3 |
|---|---|
|  |  |
| O choro d'uma Alma perdida ^x | O Choro d'uma "Alma-perdida" |

Quadro 2: Títulos da tradução nos manuscritos do MIMP e da coleção Adelaide Ristori.

Em T2 e em T3 há uma inserção de palavra no primeiro verso em espaço interlinear superior. Provavelmente, as omissões já foram percebidas pelo tradutor durante a reprodução desses versos. Foi um ajuste pontual, que culminou no reposicionamento dos termos esquecidos no eixo sintagmático da frase durante a transcrição. O tradutor utiliza um traçado que lembra o sinal gráfico “chave” [{} para devolver os vocábulos suprimidos: o advérbio *aonde*, em T2; e o adjetivo *escuro*, em T3, conforme exemplo abaixo:

| T2 | T3 |
|--|---|
| | |
| No mato escuro, aonde o dia já ausente | No mato, escuro, aonde, o dia já ausente, |

Quadro 3: Campanha de revisão nos manuscritos de John Greenleaf Whittier e Adelaide Ristori.

Em T3, um dos versos da tradução é suprimido no processo de cópia do texto. O verso seguinte inicia com a mesma sílaba [Va-], o que pode ter determinado a exclusão involuntária da linha no momento da transcrição:

| T2 | T3 |
|--|--|
| | |
| "Pobre louco! Inda a esperança os males enganando, "Vaguêa à meia-noite, e, em gritos suspirando, "Vae dos Christãos piedade e rezas implorando. | "Pobre louco! Inda a esperança os males enganando, "Vae dos Christãos piedade e rezas implorando. |

Quadro 4: Ausência de verso na tradução de Adelaide Ristori.

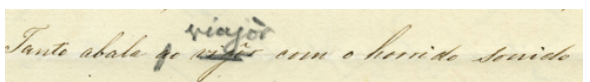
Além disso, T3 apresenta uma única rasura de supressão. Como já visto, os manuscritos são resultantes de campanhas de escritura que foram passadas a limpo, por isso, preservam apenas algumas pequenas rasuras e alguns ajustes pontuais de sua gênese. O cancelamento pela rasura não denota um fim, pois é a partir dela que se abrem novas perspectivas escriturais. O cancelamento, ilegível pela rasura, indica um impulso decorrente do ato de escrever, "quando a mão se adianta em relação ao pensamento e a leitura"⁴⁷, esta simultânea ao processo de transposição do texto para o novo suporte em papel:

| T3 | Transcrição |
|----|---|
| | "A si pode perder-se ; a Ti não pode; não! |

Quadro 5: Rasura de cancelamento no manuscrito de Adelaide Ristori.

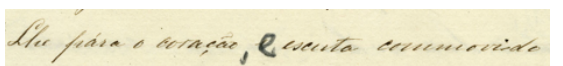
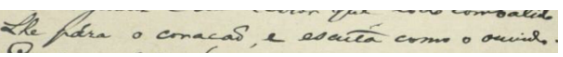
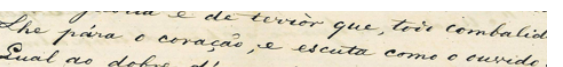
Em T1, no terceiro terceto (verso sete), o copista subtrai a figura poética do viajante ao transcrever o substantivo masculino "vigôr" no lugar de "viajôr". A mudança foi notada no processo de revisão, e o monarca restituiu a figura do viajante ao fluxo do texto durante a releitura do trabalho:

⁴⁷ PASSOS, M.-H, P. Crítica genética e tradução literária: uma interdisciplinaridade. In: PINO, C. A. (Org.). *Criação em debate*. São Paulo: Humanitás, 2007, pp. 266-7.

| T1 | Transcrição |
|---|--|
|  | Tanto abala ao ^{viajor} viagor com o horrído somido |

Quadro 6: Campanha de revisão com correção a lápis no manuscrito do MIMP.

Ainda no terceiro terceto, um ponto que merece destaque nos manuscritos está na tradução do verso nove: *His heart stands and listens like his ear*⁴⁸. Em T1, a tradução está indicada como “Lhe pára a oração, e escuta commovido”, enquanto em T2 e T3, a mesma passagem é “Lhe pára a oração, e escuta como o ouvido”. Considerando o texto original e o confronto de T1 com os outros manuscritos, percebe-se que foi um erro durante a cópia que passou despercebido também na revisão do monarca, talvez porque a fusão de “como” e “o ouvido”, na leitura fluída, pode soar como o adjetivo “comovido”. Dessa forma, o texto publicado vai reproduzir o mesmo equívoco, o que por vezes é apontado para avaliar negativamente a qualidade do trabalho do monarca. Um exemplo disso é a análise parcial do poema feita por Magalhães Jr. Em comparação do mesmo terceto do poema nas traduções de D. Pedro II e Pedro Luiz, o autor menciona que este tradutor conseguiu imprimir ideia equivalente à de Whittier, apesar de produzir um cacófato ao utilizar a expressão “como o ouvido” [*E no seu peito, como o ouvido, escuta*], o que para ele não “faz honra às habilidades do autor de *Terribilis Dea*”. Ainda assim, para o crítico, que reproduz o verso presente em T1, “bem menos feliz é a tradução do imperador”, que era “fraco, como autor de traduções poéticas”⁴⁹. Os exemplos que seguem apresentam o registro do verso mencionado acima. Note-se a única alteração no primeiro excerto, a substituição do pronome oblíquo átono o pela conjunção aditiva e, desfazendo assim a próclise com o verbo *escutar* [o escuta] e mudando substancialmente o sentido do verso:

| | | |
|----|---|--|
| T1 |  | Lhe pára o coração, e escuta commovido. |
| T2 |  | Lhe pára o coração, e escuta como o ouvido. |
| T3 |  | Lhe pára o coração, e escuta como o ouvido. |

Quadro 7: Comparação do sétimo verso nos três conjuntos de manuscritos.

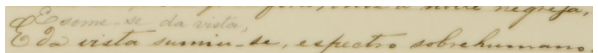
Esse exemplo ilustra a importância do estudo sistemático dos documentos de processo do imperador para uma verdadeira análise crítica de suas produções. Mesmo apresentando alguma competência técnica conforme apontado pelo próprio Magalhães Jr, como a manutenção do número de linhas do poema, a rima tríplice conforme o texto original e a quantidade de sílabas poéticas na construção

48 WHITTIER, Op. cit., p. 184.

49 MAGALHÃES JUNIOR, R. D. Pedro II plagiário? *Revista Brasileira de Cultura*. N. 8, pp. 163-172, abr.-jun. 1971, p. 164.

dos versos na tradução, a avaliação do trabalho do monarca, de maneira geral, ficou circunscrita ao caráter subjetivo de juízos de valor.

No que se refere às traduções da obra de Longfellow, por uma questão de limitação deste artigo, e tendo em vista a investigação prévia das traduções de “O Canto do Siciliano” apresentada em Mafra, atenho-me a um exemplo ilustrativo de campanhas de revisão presente na versão de 1887. O material, inédito, é uma cópia passada à limpo, com características de um texto já definitivo ou final. A letra, com traçado fino e com características decorativas do estilo de caligrafia inglesa, sugere também a participação de um escriba na tarefa de cópia da tradução. Há apenas intervenções pontuais, feitas a lápis, no espaço interlinear superior ao verso corrigido. No excerto abaixo, o monarca recorre ao uso da figura de sintaxe denominada hipérbato, fazendo a inversão da ordem direta dos elementos do verso na tradução. Sua anotação a lápis restitui a ordem direta, indicando o verbo pronominal *seguir-se*, antecedendo o complemento acompanhado da preposição *da*, nesse caso, o substantivo *vista*. Seu processo de revisão alterou também o tempo verbal, passando a vigorar o presente do indicativo no lugar do pretérito perfeito a partir da releitura da tradução:

| Cópia 1887 | Transcrição |
|--|---|
|  | <p>E some-se da vista, E da vista sumiu-se, espectro sobrehumano.</p> |

Quadro 8: Campanha de revisão a lápis no manuscrito de tradução da obra de Longfellow.

Finda a etapa de análises, cabe ressaltar mais uma vez a função das traduções operadas pelo monarca. Aparentemente, D. Pedro II não intencionava ser reconhecido pela fama de poeta ou como um escritor. Seus manuscritos de produtos literários ficavam circunscritos ao âmbito palaciano, sendo lidos em tertúlias e saraus da corte; e aos intelectuais e literatos com quem buscava interagir. Era a forma que o imperador cortejava sábios da Europa e da América do Norte: traduzindo suas obras e as enviando como forma de estima e consideração. Esses relacionamentos, conforme atesta Barman, evidenciavam mais do que um mero gesto de mútua adulação e autopromoção. Serviam, por outro lado, para confirmar e destacar a imagem do monarca como um soberano “mais por realizações do que por descendência, e como epítome do que o Brasil poderia ser”⁵⁰. Era a imagem (e reputação) de Pedro d’Alcântara construída com esmero: um cidadão modelo e um imperador moderno e erudito, dividido entre as tarefas de governar, escrever, traduzir e viajar... Os processos de viagem e tradução do imperador, dirá Brune⁵¹, permitiram desde muito cedo a adaptação e a combinação de elementos advindos das monarquias europeias e da industrialização dos Estados Unidos para construir uma nação brasileira moderna. Ao passo que importava elementos de referência de outro polissistema literário por vias da tradução e aprendia sobre os Estados Unidos, a priori, nos contatos provenientes da circulação textual, D. Pedro

50 BARMAN, op. cit., p. 430.

51 BRUNE, op. cit.

também imprimia a imagem de seu império no exterior e atuava em um movimento que poderia enriquecer a literatura nacional do império. Finalmente, os manuscritos tradutórios de D. Pedro, enquanto objetos de interesse genético, dão a ver o fazer dessas produções, e não o já feito, fossilizado em um processo editorial de publicação. Indicam o movimento, aludem a processos descontínuos, tortuosos e seus avanços e retrocessos; possibilitam releituras, imprimem correções e apontam para novas tessituras e, mais importante, para novas interpretações sobre a produção do monarca.

Algumas considerações

As traduções analisadas nesta proposta apresentam características em comum que podem ter determinado a escolha das obras para comporem os projetos de tradução do monarca. O elo primeiro entre as obras está no fato de ambas basearem-se em lendas. *King Robert of Sicily* recupera o conto do rei destronado punido pela ira divina tão comum nas narrativas orais do medievo europeu. O interesse de escritores românticos pelo passado histórico e por temas medievais desenvolveu a popularidade da história nos oitocentos, depois de a lenda ter permanecido esquecida por um longo período. Longfellow, um dos expoentes do Romantismo norte-americano, revitaliza o mito do monarca deposto, concedendo mais importância ao potencial narrativo que a tradição popular evocava do que a moral da história em si. O Romantismo no Brasil, na tentativa de romper com o passado colonial legado pela metrópole e delinear um projeto nacionalista, joga luz à figura do indígena, de onde provém a lenda em torno do canto da ave alma-perdida, que foi o mote para a composição do poema *The Cry of a Lost Soul*. Whittier ambienta o enredo na floresta amazônica, onde o canto melancólico do pássaro pode ser ouvido. O cenário idílico e a exuberância da natureza local, mobilizados de certa forma no poema, estavam também em consonância com o projeto estético romântico, movimento do qual o próprio D. Pedro foi um dos grandes entusiastas e apoiadores. Além disso, as obras compartilham do apelo religioso que encerram: humildade, transformação e fé cristã são componentes das duas produções. Os poemas traduzidos parecem direcionar, de certa forma, para o império governado por D. Pedro II: uma monarquia, que concentrava no imperador-tradutor o poder real, cuja religião oficial (catolicismo) era uma das mais expressivas vertentes do cristianismo e que buscava forjar uma tradição literária na figura e em lendas indígenas. São elementos que, se não determinantes, certamente não passaram despercebidos no processo de leitura e escolha dos textos.

As traduções de D. Pedro II chegariam nas mãos dos escritores do texto original através de James Fletcher, com quem o monarca já tinha travado contato desde a década de 1850. Parece razoável dizer que a circulação de manuscritos, no eixo “corte brasileira-Estados Unidos”, dado ao caráter intimista que se desenvolvia nas trocas de correspondências, permitia, muitas vezes, que os missivistas tecessem apreciações críticas do material que lhes chegava em mãos. O epistolário, enquanto espaço discursivo de âmbito privado, tornava-se um instrumento autêntico para o câmbio de posições “interlocutor-crítico-mediador” assumidas pelos participantes, além de evidenciar grande esforço por parte desse círculo de relacionamento em partilhar manuscritos, comunicar trabalhos e fazer circular ideias.

Considerando o dossiê genético de D. Pedro II como espaço virtual de manifestação e de exercício de sua *americanofilia*, pode-se dizer que o imperador demonstrou forte interesse por autores que compunham o cânone literário norte-americano no período. Seus projetos literários de maior vulto,⁵² apesar de não serem das obras mais centrais dos escritores traduzidos, ainda assim correspondiam ao cânone daquele país, dada a consagração de seus autores no universo literário americano, à época detentor de capital letrado já consolidado e legitimado institucionalmente frente às nações latino-americanas. Longfellow, por exemplo, era abundantemente lido e traduzido na França na segunda metade do século XIX, conforme Athenot⁵³. Assim, as traduções imperiais resultam de um esforço por parte do monarca em incorporar modelos, em praticar os conhecimentos linguísticos do idioma estrangeiro e exercitar a escrita poética em sua totalidade. Configuram-se, igualmente, como importantes elos de mediação cultural entre ele e parte da intelectualidade americana do século XIX.

Por fim, a genética de suas traduções converge para uma tentativa de produzir textos mais próximos da cultura-fonte. Retomo uma anedota contada por Guimarães que parece sintetizar a *americanofilia* de D. Pedro e sua postura tradutória para certos projetos de tradução. D. Pedro havia manifestado a vontade de traduzir o hino americano durante sua viagem aos Estados Unidos, solicitando ajuda de tripulantes que pudessem saber o texto de cor. Depois de algumas abordagens frustradas, pois nenhum dos tripulantes sabia o canto nacional, e tentativas em vão de se conseguir o texto em lojas de música do Pará e Pernambuco, um novo passageiro pôde enfim indicar a composição do hino ao monarca, mas o fez com algumas lacunas. A tradução de D. Pedro, fragmentada, foi parar nas páginas do *Herald*, cujo correspondente acompanhava de perto e documentava a jornada da comitiva imperial desde o Rio de Janeiro. Ao ver sua “mania poética” publicada sem ter consentido, D. Pedro II viu-se obrigado a justificar a investida, talvez já prevendo julgamentos depreciativos sobre seu trabalho:

*a tradução do Hino Americano feita por mim a bordo do Hevélius, estropearam-na involuntariamente na cópia (apelo para os meus companheiros de viagem) e, além disso, quis fazê-la o mais literalmente possível e de modo a poder ser cantada com a mesma música do original.*⁵⁴

52 Alguns autores pontuam outras traduções de obras de Whittier feitas por D. Pedro II. Uma delas teria sido o poema *Garden*, escrito originalmente para ser declamado na feira de agricultura e horticultura de Amesbury, em 1858. No ano seguinte, a tradução de D. Pedro teria sido lida em um festival de colheita, segundo Pickard (PICKARD, S. T. *Life and letters of John Greenleaf Whittier*. New York: Haskell House Publishers Ltd., 1969). Não encontrei até o momento nenhuma outra informação a respeito dessa tradução.

53 ATHENOT, Éric. 1886, ano verso-librista: Laforgue tradutor de Whitman. Tradução: Guacira Marcondes Machado Leite e Silvana Vieira da Silva. In: FERNANDES, Maria Lúcia Outeiro; ANDRADE, Paulo; PERRONE, Charles Andrew. (Orgs.). *Poesia na Era da Internacionalização dos Saberes: circulação, tradução, ensino e crítica no contexto contemporâneo*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016, pp. 139-158.

54 GUIMARÃES, Argeu. *D. Pedro II nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961, p. 89.

Referências bibliográficas

- ALCÂNTARA, P. de. **Diário do Imperador D. Pedro II**. Organização: Begonha Bediaga. Petrópolis: Museu Imperial, 1999.
- AMADOR, L. A. L. **Germanofilia: origen, Estado de la Cuestión y Perspectivas**. San Juan: Editorial Geópolis, 2012.
- ATHENOT, É. 1886, ano verso-librista: Laforgue tradutor de Whitman. Tradução de Guacira Marcondes Machado Leite e Silvana Vieira da Silva. In: FERNANDES, M. L. O.; ANDRADE, P.; PERRONE, C. A. (Orgs.). **Poesia na Era da Internacionalização dos Saberes: circulação, tradução, ensino e crítica no contexto contemporâneo**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016, pp. 139–158.
- BARMAN, R. J. **O imperador cidadão e a construção do Brasil**. Tradução de Sonia Midori Yamamoto. São Paulo: UNESP, 2010.
- BRUNE, K. **Creative Transformations: Travels and Translations of Brazil in the Americas**. Albany: State University of New York Press, 2020.
- CALMON, P. **História de D. Pedro II. Tomo terceiro: No País e no Estrangeiro: 1870–1887**. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1975.
- CARVALHO, J. M. **D. Pedro II: ser ou não ser**. Coordenação: Elio Gaspari e Lília M. Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CORDINGLEY, A.; MONTINI, C. Genetic translation studies: An emerging discipline. *Linguistica Antverpiensia*, New Series — Themes in Translation Studies, 14, 2016, pp. 1–18.
- CRIBELLI, T. A Modern Monarch: Dom Pedro II's visit to the United States in 1876. *The Journal of the Historical Society* IX: 2. June, 2009.
- GUIMARÃES, A. **D. Pedro II nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.
- HERNDON, W. L. **Exploration of the Valley of the Amazon: part I**. Washington: Robert Armstrong Public Printer, 1853.
- JAKSIĆ, I. **The Hispanic World and American Intellectual Life, 1820–1880**. New York: Palgrave Macmillan, 2007.
- JAMES, D. **O imperador do Brasil e os seus amigos da Nova Inglaterra**. Tradução de Mário José da Silva Cruz e Lourenço Luiz Lacombe. Petrópolis: Museu Imperial/ Ministério da Educação e Saúde, 1952.
- MAFRA, A. Do rascunho à edição: análise preliminar das versões de “The Sicilian Tale: King Robert of Sicily” por D. Pedro II. *Manuscrita: Revista De Crítica Genética*, (40), 2020, pp. 96–111.
- MAFRA, A. **O processo criativo de D. Pedro II na tradução do Hitopadeça**. 2015. 447 f. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina; Universiteit Antwerpen, Florianópolis; Antwerpen, 2015.

MAFRA, A; STALLAERT, C. **Orientalismo Crioulo: Dom Pedro II e o Brasil do Segundo Império / Creole Orientalism. D. Pedro II and Brazil in the Second Empire.** *Iberoamericana*, Año 16, No. 63 (Noviembre de 2016), pp. 149–168.

MAGALHÃES JUNIOR, R. D. Pedro II plagiário? *Revista Brasileira de Cultura*. N. 8, abr.-jun. 1971, pp. 163–172.

MORAES, M. A. A poesia de Mário de Andrade em circulação epistolar: fluxos e vias interditas. *Manuscrita*, n. 35, 2018, pp. 19-29.

NUNES, A.; MOURA, J.; PINTO, M. P. **Genetic Translation Studies: Conflict and Collaboration in Liminal Spaces.** London: Bloomsbury Academic, 2021.

PASSOS, M.-H. P. **Da crítica genética a tradução literária: uma interdisciplinaridade.** Vinhedo: Horizonte, 2011.

PASSOS, M.-H. P. Crítica genética e tradução literária: uma interdisciplinaridade. In: PINO, C. A. (Org.). **Criação em debate.** São Paulo: Humanitas, 2007, pp. 255–268.

PICKARD, S. T. **Life and letters of John Greenleaf Whittier.** New York: Haskell House Publishers Ltd., 1969.

PRIORE, M. del. **O príncipe maldito: traição e loucura na família imperial.** São Paulo: Objetiva, 2006.

ROMANELLI, S. **Manuscrito e tradução: espaços de criação.** Itinerários, Araraquara, n. 38, jan./jun. 2014, pp.105–123.

ROMANELLI, S. **A gênese de um processo tradutório.** Florianópolis: Horizonte, 2013.

SPERÁNDIO, A. **Caligrafia: curso completo.** 14^a ed. São Paulo: Livraria Teixeira, 1948.

WHITTIER, J. G. **In War Time and Other Poems.** Boston: Ticknor and Fields, 1864.

WILLEMART, P. **Universo da criação literária.** São Paulo: Edusp, 1993.